

**POR FRONTEIRAS DOBRÁVEIS NO LIMIAR DA LINHA ENTRE O BRASIL
E O PARAGUAI**

**FOR FOLDING BORDERS ON THE THRESHOLD OF THE LINE BETWEEN
BRAZIL AND PARAGUAY**

**POR FRONTERAS FLEXIBLES EN EL UMBRAL DE LA LINEA ENTRE EL
BRASIL Y PARAGUAY**

**PE YVY ÑEMBOJA'O RENDÀPE, JEGUERÚVO SÃ HEKOPEGUAVA TAPE
OPYTAVA BRASIL HA PARAGUAIRE**

Regerson Franklin Santos

regersonfranklin@yahoo.com.br

Universidade Federal da Grande Dourados

Márcio Nolasco Leite

marcioleite@ufgd.edu.br

Universidade Federal da Grande Dourados

Beatriz Vera

beatrizverapirajui@gmail.com

Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: Buscando apresentar ao leitor uma reflexão alternativa às interpretações tradicionais, rígidas e baseadas majoritariamente em políticas públicas oficiais e no discurso de gabinete e/ou da classe dominante, esse texto, pauta sua estrutura teórico-conceitual em análise fundamentada na concepção cultural, relacionando a teoria (obtida com fundamentação acadêmica) com a praticidade evidenciada mediante trabalho de campo e seus resultados advindos de entrevistas com moradores da Faixa de Fronteira entre o município de Sete Quedas-MS e o Distrito de *Pindoty Porã*, que pertence à cidade de *Corpus Christi*, no Paraguai. Utilizando-se da categoria (entre)lugar enquanto suas nuances em relação com o território, estabelece uma discussão que considera as simbologias, as sentimentalidades e outras formas de se entender o viver na fronteira e as dificuldades que os fronteiriços em situação de vulnerabilidade encontram. Apontar saídas aos complexos problemas dessa faixa, incide em se escutar os que nela (sobre)vivem, estabelecendo, assim, uma fronteira dobrável, solidária e inclusiva. É esse um dos pontos cruciais desse trabalho.

Palavras-chave: Fronteiras; Brasiguaios; Entre-lugar; Fronteiriços; Inclusão.

Abstract: seeking to present the reader with an alternative reflection to traditional interpretations, rigid and based mainly on official public policies and in the office and/or ruling class discourse, this text guides its theoretical-conceptual structure in analysis based on the cultural conception, relating the theory (obtained with academic ground) with the practicality evidenced by fieldwork and its results from interviews with inhabitants of the Borderland Strip between the town of Sete Quedas – MS and the District of *Pindoty Porã*, which belongs to the city of *Corpus Christi*, in Paraguay. Using the category (in-between) place as its nuances concerning the territory, establishes a discussion that considers the symbologies, sentimentalities and other ways of understanding life on the border, the difficulties, and the vulnerable situation that those people are living. Pointing out the complex problems of this area, focuses on listening to those who live there, establishing a folding, solidary and inclusive border. That is one of the crucial topics of this work.

Keywords: Borders; Brasiguaios; In-between place; Bordering; Inclusion.

Resumem: Tratando de presentar al lector una reflexión alternativa a las interpretaciones tradicionales, rígidas y basadas principalmente en políticas públicas oficiales y en el discurso del gabinete y/o de la clase dominante, este texto guía su estructura teórico-conceptual en el análisis basado en la concepción cultural, relacionando la teoría (obtenida con base académica) con la practicidad evidenciada a través del trabajo de campo y sus resultados de entrevistas con residentes de la Franja Fronteriza entre el municipio de Sete Quedas-MS y el Distrito de Pindoty Porã, que pertenece a la ciudad de Corpus Christi, Paraguay. Utilizando el (entre)lugar como categoría mientras sus matices en relación con el territorio, se establece una discusión que considera las simbologías, sentimentales y otras formas de entender la vida en la frontera y las dificultades que enfrentan los borderers en situaciones vulnerables. Señalando los problemas complejos de esta banda, se enfoca en escuchar a los que viven allí, estableciendo así una frontera plegable, solidaria e inclusiva. Y ese es uno de los puntos cruciales de este trabajo.

Palavras-clave: Fronteras; Brasiguaios; Entre lugar; Fronteras; Inclusión.

Ñemyesakã mbyky: Ohekávo techaukápy umi oleévape petei mombe'úpy hekopekuáva, umi mombe'upyre jeiko asy hape hetava umi omyakáva mburuvicha ha'é -(a políticas públicas oficiales) ha péicha ñemongeta hape hoga guype terá pe oiva yvateve, ko ñe'é techaukapy, péicha omombe'ú jejapova ha'é mba'éichapa ikatu oñemohenda umi ojuháva pe rendá tekohápe (teórico -conceitual) romañavo pe jeikoha re ha oñembohásavare pe ojehuva pe tekohápe, romañavo umi tembiapokue (ha'éva pe temimbo'é rupive) ha'é pe ojuháva jehechávare pe tembiapo jave pe rendápe ha pe oúva ñemombe'upy umi oikova pe tape kotare linha internacionalre oje'éva- (Faixape) opytava pe município Sete Quedas-MS pe, ha pe ciudad Pindoty Porã, opytava pe ciudad Corpus Christi poguype Paraguaipe. Oiporúvo pe ñemohenda (ha'ekuéra) tekohape upejave iperõva pe jeikoha tekohápe kuéra. Ohechauka petei ñemongeta omombe'úva jehái pe omomba'éva he'iseva chupekuéra ha pe iñeñandu itekoháre ha umi otro hendáicha jeikokuáa itekohápe jeiko yvy ñemboja'opa hape ha mba'éichaguape pe mboriahu ojopy

ramo jepe ojotopa hikuái. Jehái mba'éichapa ikatune oñeguenohe petei tapepe porãme umi heta ojuhúva hekope'yva pe Faixape, oñemoi ñehendu umi oikóvape upepe há'eva petei renda yvy ñemboja'opyre pegua oñopytyvova ha oiva oñondive. Upéva pe jehúrã rerápe ha 'e ko tembiapo.

Mbyteregua-ñe'eme: Yvy ñemboja'ó hape; Brasiguaios; Pe ha'ekuéra- itekoha; oikova yvy ñemboja'oha rupi; Oñondivepa.

INTRODUÇÃO

*“A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte...
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte...”
Titãs - Comida*

O presente texto busca apresentar uma discussão teórico-conceitual das vivências de fronteira que considere outros olhares (GOETTERT, 2010; SOUZA, 2018) que não somente os tradicionais, que se pautam no físico, nos limites e nas questões mais próximas às desempenhadas pelos governos em ações de planejamento e execução de políticas fronteiriças (HAESBAERT, 2014).

Tal construção teórica ultrapassa esse limiar na medida em que a literatura existente, nacional, mas principalmente estrangeira (BARTH, 1998; CLIFFORD, 2000; MASSEY, 2008; FOUCHER, 2009) possibilita novas aberturas, contextualizações, interpretações e aplicabilidades àqueles que veem a fronteira e os fronteiriços e, por essa via, expande as possibilidades de interpretação e análise para muito além do “concreto” – por isso, elas são dobráveis!

Viver a fronteira, então, é condição *sine qua non*¹ para obter, mediante contato direto (RICHARDSON, 1999), experiências diferentes daquelas que são produzidas em gabinete, que sejam simétricas e assimétricas, que compreendam a visão do observador/pesquisador porém, que apresentem os relatos, histórias e

¹ Conforme o Dicionário Michaelis, expressão que vem do Latim e que significa “Que é indispensável, obrigatório” e “A condição obrigatória para um ato ou circunstância se realizar ou se completar”. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=SINE+QUA+NON>>. Acesso em: 10/02/2020.

sentimentalidades cotidianas daqueles que são os objetos da pesquisa, os seres fronteiriços. No dizer de Cataia (2013), nas fronteiras,

é constituída uma vida de relações estruturadas em torno da circulação entre duas diferentes culturas, dando origem a uma certa forma de imbricação, e não exatamente de hibridez (ou seja, onde é possível identificar a presença de um terceiro, sem que os dois que deram origem a ele desapareçam, pois, pelo contrário, quanto maior é a influência de um sobre o outro, mais a circulação é reforçada). É uma zona incerta, de mapeamentos difíceis, porque são manchas precárias que se expandem e se retraem com uma rapidez que surpreende, especialmente com a globalização econômica e cultural (CATAIA, 2013, p. 68).

Ademais, que ela também possa expressar a relação fugaz entre o concreto e o abstrato, expressando as partes e as relações complexas que há (KOSIK, 1985). Nesse sentido, o presente texto é permeado dessas e outras experiências, e busca evidenciar novas concepções da fronteira e daqueles que nela vivem (INGOLD, 2015).

O *locus* da pesquisa se desenvolve com a experiência de se viver as relações comerciais, sociais, políticas e culturais na fronteira entre o Brasil e o Paraguai (e sua extensa faixa de fronteira)², entre o Estado de MS³ e o Departamento de *Canindeyú*, entre as cidades de Sete Quedas (Br) e o Distrito de *Pindoty Porã* que pertence à cidade de *Corpus Christi* (Py), mas, fundamentalmente, entre as pessoas que ali vivem, sentem e respiram esse *metiê* que é a fronteira.

Para Michel Foucher (2009), as fronteiras são instituições: funcionam delimitando o espaço sobre o qual se estende uma soberania nacional – constituindo assim função do Estado correlato a sua soberania - e determinam o limite geográfico daqueles que compartilham certo grau de indissociabilidade, mantendo um patamar de interação.

É também “sentir o ponto de contato”, onde as diferenças se mesclam, sobrepõem-se, misturam-se e complementam-se. Assim, o viés excludente é sobrepujado, passando da fronteira de caráter divisório (limite) para a existência de uma área fronteiriça

² No Brasil, a Lei nº 6.634/1979 - regulamentada pelo Decreto nº 85.064/1980 - delimita largura da faixa de fronteira em 150 quilômetros a partir dos limites territoriais da nação.

³ Utilizaremos a sigla MS para nos referirmos ao estado de Mato Grosso do Sul, tornando a leitura mais fluída.

de interação humana e que funciona como um espaço de trocas econômicas e culturais (MARQUEZ, 2009).

Nesse ínterim, fora importante a pesquisa de campo realizada na fronteira em questão, afim, sobretudo, de senti-la com mais propriedade pela percepção que dois dias de trabalho (andanças) propiciam, para assim, lançar/obter nesse primeiro momento de encontro (do objeto teórico com o caso concreto visualizado/sentido/analísado), o olhar geográfico.

Brasileiros, paraguaios, indígenas brasileiros, indígenas paraguaios, “Brasiguaios” (ALBUQUERQUE, 2009 e 2010) e outros tipos de miscigenações caracterizam – e complexificam – essa fronteira, marcada pelo “vai e vem”, o “daqui” e o “de lá” mas que no fundo, acaba(m) sendo “um pouco de aqui e um pouco de acolá” (SOUZA, 2018), seja no biotipo, na cultura, na identidade enquanto pertencimento e na simbiose de cada parte desse todo.

A estrutura do texto está dividida da seguinte forma: primeiramente far-se-á uma análise sobre a vivência na fronteira tendo como pano de fundo as populações menos abastadas e as visões da elite e de autoridades sobre ela; em segundo lugar, relatam-se as observações do trabalho de campo no sentido mais prático, relacionando os dados obtidos mediante entrevistas (uma indígena, uma dona de casa e comerciantes) e pesquisa em sites oficiais, disponíveis nas plataformas e demais documentos, encerrando o trabalho com as considerações finais.

DE UM PONTO A UMA FRONTEIRA, HÁ UM CAMINHO A SE PERCORRER

Na fronteira, existe um ser que é ímpar no contexto de sua existência e que tem sido objeto de investigação quanto a sua cultura, atividades econômicas, questões sociais dentre outras, que o diferenciam dos demais viventes; trata-se do “Brasiguaiio”.

Albuquerque (2010) ressalta que o conceito “Brasiguaiio” é explicado tendo como base o viés da dinâmica das fronteiras e que representariam, no sentido de identidades fronteiriças: construções, produções, processos humanos não eternos.

Assim, a consolidação de identidades únicas no ambiente fronteiriço não seria possível, posto que o Brasiguai é consubstanciado por práticas culturais assimétricas e de uma sociabilidade percebida na coexistência entre brasileiros, paraguaios e brasiguaios, tornando essa correlação ainda mais complexa para a conceituação identitária, permeada por expressões e discursos que alimentam práticas no cotidiano. Destarte,

O termo “brasiguai” adquiriu sentidos variados ao longo das duas últimas décadas, funcionando como uma identificação ambígua, situacional e negociada conforme os interesses que necessitavam ser explicitados ou ocultados. A identificação “brasiguai” é imprecisa e bastante mutável. Essa categoria nativa pode ser atribuída: 1) ao imigrante pobre que foi para o Paraguai, não conseguiu ascender socialmente e que, muitas vezes, regressou ao Brasil; 2) aos grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; 3) aos filhos dos imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaia; 4) aos imigrantes e seus descendentes que falam um “idioma fronteiriço” e mesclam outros elementos culturais dos dois países; 5) a todos os imigrantes brasileiros na nação vizinha (ALBUQUERQUE, 2009, p. 154).

As culturas são viajantes - como explicitou James Clifford, na obra “*O espaço da diferença*”. Nesse sentido, elas, enquanto construções históricas, tiveram uma origem, e por sua vez, viajam pelo mundo. Desse modo, determinado costume, ritual ou *módus cultural*⁴ pode ser apreendido em diversos pontos do planeta, seja pelo acesso à internet, seja por intermédio de um imigrante, ou migrantes que carregam consigo certa cultura que, quando do ato da viagem, passam a territorializar outros espaços e contribuem ainda mais para seus avanços/territorializações. Seguindo esse raciocínio, se as culturas são viajantes, praticamente não haveria fronteiras para elas.

Dessa maneira, ao presenciar o cotidiano dos habitantes, ainda que em um curto período de tempo e caminhando pouca distância, percebeu-se que há especificidades que se referem a essa localidade que discrepam de outras áreas de fronteira, aliás, esta, ímpar e diferente em cada lugar (HANCIAU, 2005).

Uma especificidade discrepante em relação a outras fronteiras foi visualizada na observação de campo: uma fronteira seca na linha internacional (Sete Quedas/Pindoty

⁴ Analogia ao “*Modus Operandi*”, que é uma expressão em latim que significa ‘modo de operação’, na tradução literal para a língua portuguesa”. **Significado de Modus operandi. 2019.** Disponível em: <<https://www.significados.com.br/modus-operandi/>>. Acesso em: 10/02/2020. Nesse sentido o “*Modus Cultural*” seria a maneira peculiar que abrange a cultura do ser fronteiriço, permeada de diversas contribuições, misturada, miscigenada e em constante construção.

Porã) em que moram pessoas que estão no *limite* dos marcos divisórios, de fato, pertencendo dessa maneira, aos dois países (Brasil e Paraguai). E que na fala⁵ dos representantes do governo municipal de Sete Quedas, tal limite (área) fora conceituado (a) como um lugar que é “terra de ninguém”.

Em se tratando dessas populações, podemos dizer que há caminhos, mas também escolhas; encontros e desencontros ocorrem à medida que se chega a esse patamar híbrido, (sur)real, que eu quero, ou me limitam com os padrões regulamentares (...). Eis a fronteira.

As escolhas podem se tratar tanto das instituições quanto das pessoas, inclusive de maneira simultânea; pode-se não haver escolhas, mas sim imposição! Há escolhas? Os moradores da área de risco da linha internacional pesquisada escolheram ficar ali? Ou foram movimentados para, ali se estabelecerem? As condições históricas/sociais não os pressionaram a fixar moradia nesse local? São essas reflexões que se tornam também importantes e a busca por contribuir para sanar essas lacunas, é um dever de todo pesquisador, ao qual nos inserimos com os resultados desse trabalho.

Essas indagações descritas em forma de texto com resultados práticos se pautarão na seguinte estruturação: como conceito central para delinear e fundamentar a discussão, foi escolhido a categoria Lugar, mas também Entre-Lugar (o vivido). Portanto, a percepção será relatada em consonância com as entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores e autoridades locais de Sete Quedas, e vivenciadas no comércio de cá (lado brasileiro) e de lá (lado paraguaio). Não obstante,

O conceito de entre-lugar torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia, cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras, fazendo do mundo uma formação de entre-lugares. Marcado por múltiplas acepções, o entre-lugar é valorizado pelos realinhamentos globais e pelas turbulências ideológicas iniciadas nos anos oitenta do último século, quando a desmitificação dos imperialismos revela-se urgente.

Por ocasião dos quinhentos anos da descoberta de Colombo, o momento o ideal para a reconsideração a respeito do eurocolonialismo nas Américas e suas consequências. No âmbito da cultura oficial, a conjuntura enseja a ocasião para celebrar a superioridade europeia, enquanto as narrativas indígenas encontram

⁵ Entrevista concedida no dia 13/07/2018 – presentes os secretários municipais de Saúde, Educação, Assistência Social, Habitação, e de Desenvolvimento. Local: Salão do Lar do Idoso no município de Sete Quedas - (MS).

a oportunidade para afirmar sua contra-história, resgatar seus costumes e consolidar as lutas por território e autonomia. Surgem novos discursos, diferentes sujeitos, dinâmica de fronteiras (HANCIAU,2010, p. 125).

Pretende-se, assim, tornar a leitura fácil, mas, com elementos fundamentais de análise dos dados coletados, corroborando para contribuir com a caracterização dos aspectos fronteiriços específicos dessa localidade e assim, construir um instrumento paralelo, não oficial mas pertinente – um relatório ou estudo teórico - aplicável nas políticas públicas municipais, estaduais e federais de fronteira, buscando propiciar a distribuição de renda, justiça social e inclusão.

CONHECENDO SETE QUEDAS E SUAS PARTICULARIDADES

Na Figura 1 podemos observar a localização do município de Sete Quedas e sua posição geográfica estratégica, pois encontra-se na fronteira com outro estado (Paraná) e também com outro país, o Paraguai. Tal fato, incide em diversidade e multiplicidade de culturas, muitas vezes complementares mas, outras, conflitantes, uma vez que trata-se de um território de insegurança jurídica e repleto de sinuosidades que o tornam fluído, fugaz e heterogêneo.

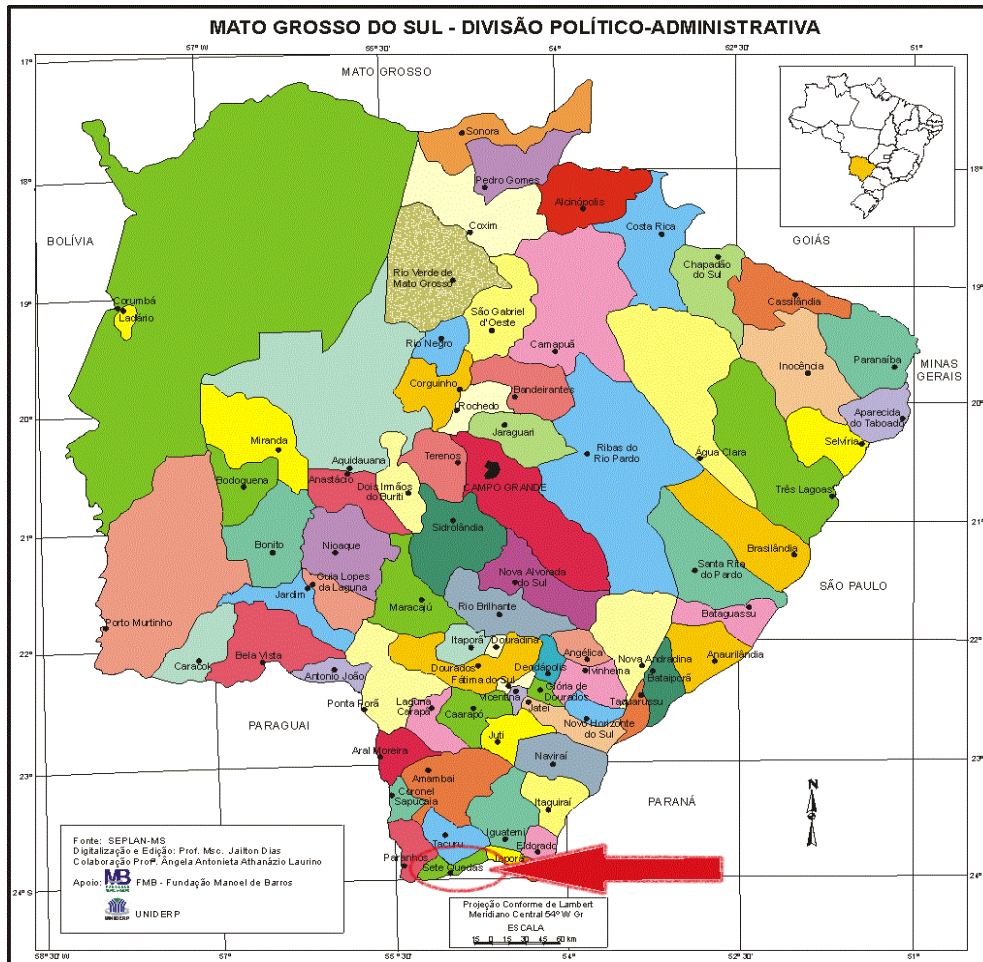
Cidade pequena, tempo lento, mas que mescla travessias culturais que perpassam questões agrária, indígenas, agropecuárias e corredores de contrabandos e descaminhos oriundos da rota da criminalidade utilizados tanto por brasileiros quanto por paraguaios e, também, por brasiguaios!

Com uma população de aproximadamente 10.790 habitantes, segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - para o ano de 2017, Sete Quedas é o 49º maior município em quantidade populacional do MS, e tem uma densidade demográfica de 12,93 hab/km². Pertencendo à microrregião do município de Iguatemi, a referida cidade apresenta uma média mensal de 2,2 salários mínimos, e 77,1% de suas receitas são oriundas de fontes externas - repasses estaduais e federais (IBGE, 2010).

Conforme o Censo de 2010, 7.695 pessoas se auto declararam Católicas, 2.227 Evangélicas e 6 pessoas disseram acreditar no Espiritismo; portanto, a religião predominante é a Católica, típica de cidades pequenas do interior brasileiro em que a questão cultural cristã ainda é muito presente, seja em festividades como Feriados Santos

ou Quermesses, seja na influência que a Igreja, o Padre e todo o simbologismo incide na população e no comércio local acerca de costumes, hábitos e tradições.

Figura 1: Localização Geográfica: Mato Grosso do Sul/Sete Quedas



Fonte: SEPLAN – MS

Já no quesito Saúde, temos os seguintes dados:

A taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 15.63 para 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 8.1 para cada 1.000 habitantes. Comparado com todos os municípios do estado, fica nas posições 37 de 79 e 3 de 79, respectivamente. Quando comparado a cidades do Brasil todo, essas posições são de 1915 de 5570 e 361 de 5570, respectivamente.⁶

Tais números nos evidenciam que a questão da mortalidade infantil está dentro da média brasileira, ao passo que o número de pessoas internadas que apresentam

⁶ Conforme dados do Censo de 2010 do IBGE. Disponível in: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/sete-queadas/panorama>>. Acesso em: 18/jul/2018.

diarreia é baixo. Apenas 1,9% das edificações do município tem Esgotamento Sanitário adequado, um índice extremamente baixo e que impacta na qualidade de vida dos munícipes (IBGE, 2010).

Com somente 5,3% de vias pavimentadas no município, pode-se dizer que o asfalto se concentra basicamente no centro da cidade, o que explica que a maioria das atividades econômicas sejam voltadas à agricultura (mandioca e soja) e pecuária bovina (IBGE, 2010).

O trabalho de campo ocorreu em uma “Faixa de Fronteira”, local limítrofe entre Brasil e Paraguai, sendo, dessa forma, não pertencente nem daqui, nem de acolá. O terreno visitado (Figura 2) e evidenciado fica para além da residência de madeira (segunda casa da linha internacional) e acaba por representar um espaço que a família residente considera importante. Esse terreno e outros ao redor das diversas casas nessa linha internacional propiciam uma espécie de existência de uma vida de policultura precária.

Figura 2: Entre o Paraguai e o Brasil pela casa da Dona Peña



Fonte: Trabalho de Campo, 2018 (por Jones Dari Goettert)

Nesse limite fronteiro, também limite humano, as autoridades brasileiras entrevistadas não querem ser responsáveis por este lugar, sendo, dessa forma, populações “invisíveis” por sua condição econômica precarizada, não instituída de direitos

legalizados, situação essa expressa por questões mínimas de sobrevivência em que esses fronteiriços se encontram.

O que lhes resta, estando relegados do sistema, é (sobre)viverem plantando banana, cana-de-açúcar, mandioca, criarem galinhas, porcos, algumas poucas vacas (...); assim, eles “se viram” com as estratégias de sobrevivência que são as únicas possíveis.

Destarte, conforme a Figura 2, mantém vínculos aqui no Brasil, e também no Paraguai – um lado/outro lado; são, verdadeiros seres híbridos que caminham na sinuosidade daquilo que lhes é melhor, naquele momento. São os Brasiguaios.

Outro detalhe interessante e complementar ao presente texto, estruturado mediante narrativas daqueles que vivem na fronteira, é o fato de que, na primeira residência à qual nos deslocamos para realizar as entrevistas, reside uma família indígena⁷. Nesse contexto, um novo desafio para os pesquisadores se apresentou, uma vez que a maioria da prosa ocorreu em Língua Guarani, fato esse que só foi possível pelo domínio desse idioma por uma pesquisadora participante.⁸

Assim, a aproximação e diálogo só foi passível de acontecer por intermédio da interpelação/conexão estabelecida por nossa colega pós-graduanda de origem indígena Guarani, o que por sua vez, deixou a prosa no sentido “lado a lado” como propõe Martins (1997) na pesquisa que posteriormente se transformou na obra *Fronteira - A degradação do outro nos confins do mundo*.

A pesquisadora, nessa maior aproximação, pôde saber um pouco sobre a trajetória, história e sentimento dessa família, assim expostos nos relatos colhidos em conversa com Dona Peña e sua família (filhos), que vivem na Linha Internacional - limite entre o Brasil e o Paraguai.

⁷ Entrevista realizada com a Sra. Peña e sua família na área internacional – Área de risco. Entrevista realizada em 12/07/2018.

⁸ A percepção que se teve, é que de imediato a família ficou surpresa com a nossa chegada, pois, em uma cidade pequena, qualquer movimento intenso com pessoas estranhas à localidade, causa alvoroço.

Sentamo-nos e começamos a prosa regada ao tradicional *Tereré*⁹. Primeiramente a anfitriã e o Filho Amâncio¹⁰ perguntaram nossos nomes, de onde éramos (preocupados com nossa origem e objetivos da visitação, pois, muitas vezes, há truculência nesses encontros e/ou avisos nada amigáveis), por conseguinte nos identificamos e assim esse encontro na fronteira entre pesquisadores/pesquisa/pesquisados fora acontecendo. A senhora asseverou que antigamente morava na reserva indígena Porto Lindo, no município de Japorã.

A seguir, os relatos serão expostos consoante a conversação realizada em idioma Guarani, visando manter a identidade cultural da Dona Peña;

Kuña karai Peña he'í: che Porto Lindogui aju va'ekue, che ha che membykuéra. Heta tiempo che ha che membykuéra roipytyvo va'ekue Yvy Pyahuha rupi, Sombriterope roipytyvo va'ekue roipe'a hagua ore yvyrã há upei roho jevy Porto Lindope. Ha roiko upepe roñemoi va'ekue rogana hagua ore rogára ha roha'arõ heta tiempo ore rogara rohupytyvo, y ha energia ore rogápe ha nosei oreve ore rogarã há upea che mokane'ó há upeagui aju aiko hagua ko Faixape. Che membykuéra ou chendive oikovo oi che membykuña imembyreve pe ko'aga oi va'ekue imemby'í reve ohova ogaguype ojapo terere ou avei ha che memby kuimba'é ikaria'yva há umi mitã kuéra avei ou ha ha'é pe che memby kuimba'é karia'y Amancio ho'a va'ekue moto arigui há oñemachuka ha operse va'ekue hetyma ha ha'é oiko asy tekoteve oiko maletare ha pyhare oñandu hasypa oiko haguere maletare arákuepe ha ko'aga oñeaposenta ndaikatuveigui omba'apo, omba'apo va'ekue mandi'ó ñembohyrúpe.

Ko'ape ore ndorojeserviri cesta alimentar indígena Governogui, ha che ndajeserviri avei bolsa família. Che membykuera oho Paraguaipe omba'apo por cia há upéi ou jevy va'erã ha upéicha roiko terá omba'apo che membykuéra mandi'ó ñembohyrupe che mongaru hagua. Ore ndoroguerekoiro beneficio governogui ore retako roimeva ape, opaichagua rõi heta indígena outro coloniagui ouva'ekue, há oi paraguajo ha brasileiro avei.

Oreko ndorokuatairi voi ko'agui ndorohoi vecino rogápe apema roiko oingo coloña sombrerito ape pero mombyry agui ore ndorohoiri voi upe coloniape itranguiloko ape ko yvyngo ko ore roga hape roiko ha ko frentepe oñelambrava korapypengo ndaikatuveíma roiporu roñemity hagua rohavisá rojogua va'éva prefeituragui roñemity hagua upepe upeagui mavave ndojavykyi peva opyta peicha rojoguaró mante oreve pero hepyre ovende.

⁹ Conforme o Dicionário Informal, "*Tereré*" significa: "Refresco de mate ou erva-mate (*Ilex paraguariensis*), servido em cuia ou guampa, sorvido com bombilha [bomba], e que se distingue do chimarrão por ter água fria em vez de água quente. É bebida característica dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e do Paraguai". Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/terer%C3%A9/>>. Acesso em: 10/02/2020. Todavia, uma concepção mais abrangente pode ser encontrada em Sant'Ana, Oliveira, Dorsa (2016), dentre outras obras.

¹⁰ Amâncio tem uma perna amputada. Mora no "Faixão" (território limite entre o Brasil e o Paraguai, e que circunda a margem do município de Sete Quedas), ganhou casa nessa área, disse estar ali visitando sua mãe. Elencou que sua perna teve de ser amputada devido a um acidente que ocorrera com ele no qual ele estava pilotando uma motocicleta. Fato ocorrido no entroncamento de Tacuru (MS). Foi atendido no Hospital da Vida de Dourados (MS), segundo ele ficou 25 dias internado. Assim comprovando que os atendimentos de alta complexidade não ocorrem em Sete Quedas (MS).

Umi jama che agueru va'ekue che coloniagui Porto Lindogui ajuro guare upeague mango roguereko ko'aga mandí'ó avei agueru semilha kumanda, fechão, Avatí, jety há takuare'e ha ko'ava planta oiva óga jerere avei agueru va'ekue che coloniagui yvoty ha che rymbakuéra avei, agueru va'ekue che rymba ryguasu, ype, kure, ko'ava che rymba ore roguerupa va'ekue orendive umia kue hina roguerekopa orendive há rocria.

Ore arema ore ape, heta añoma roime ape rovy'a. Ha umi che ñeto kuéra apema okakuaapa tuichapama ha'ekuéra, ko'aga já ohoma avei omba'apo itio kuéra ndive. Ore rasy ramo la tekoteve roho Cascavel terá Douradospe oñantende hagua ore rehe. Che membyko ogueraha imemby kuéra hasy ramo, ape postinho de saúdepe oñantende hese kuéra upepe, pero tekoteve uperire ojogua pohã ndaípori pohã pe posto de saúdepe ha hepy umi pohã ha tuichave mba'asy ramo acidente peichagua ojeguereha outro ciudádpe cheko che resai meme upeagui che memby la imemby hasy ramo ogueraha postinho de saudedpe.

Iporã voingo peju pehecha mba'éichapa roikoha ape ape ko ore rojopara pa voi opaichagua oiko ape ojeju opaguio ojeiko hagua ape oingo colônia avakuérava rekoha ape aguiete Paraguai ryepype che memby kuéra oho jepi upe coloniape há umi rupigua ou jepi avei ape ou caronape terá motope aguimba voiko apé.¹¹

(Entrevista realizada em Guaraní com a Sra. Peña, em 12/07/2018 – linha internacional – Sete Quedas (MS) / Pindoty Porã (Departamento de Canindeyú).

Morar na faixa para a Dona Peña e seus filhos é permanecer na “terra de ninguém”, é ir levando a vida com muita dificuldade: quer seja pela falta de atendimento

¹¹ Eu vim de aldeia Porto Lindo, junto com os meus filhos. Por muito tempo eu vivia nas lutas pelas nossas terras tradicionais, ajudava os meus patrícios nas retomadas; com o tempo, retornamos a morar em Porto Lindo, e fizemos cadastro para ganhar uma casa, instalação de energia elétrica e água potável na residência. Não conseguimos a construção da casa, esperamos por muito tempo e isto me cansou e resolvemos vir morar na Faixa.

Eu e meus filhos viemos juntos, tenho uma filha com um bebê que estava aqui e entrou dentro da casa para preparar tereré; veio também meu filho moço, e mais outras crianças. Meu filho Amâncio sofreu grave acidente de moto, perdeu um lado da perna e, por isso, de dia usa maleta e, de noite, sofre muito de dores por causa de uso da muleta. E está agora para aposentar pela invalidez porque não consegue mais trabalhar na colheita de mandioca.

Aqui não recebemos a cesta alimentar indígena do governo e não temos benefícios bolsa família; meus filhos trabalham na diária no Paraguai para me sustentar e sempre retornam para casa; assim vivemos para comer e somos bastante moradores de lugares diferentes que chegaram para morar. São de diferentes etnias indígenas, paraguaios, brasileiros. Não andamos nas casas dos vizinhos, tem uma aldeia indígena chamado *Sombrerito* e não vamos lá porque é longe, ficamos sempre em casa.

Aqui é calmo, nesse pedaço de terra que está cercada, não usamos porque temos de avisar o prefeito para plantar, por isto ninguém toca nele e tem que pagar e é caro. Trouxemos de Porto Lindo as ramas de mandioca, sementes como kumanda, feijão, milho, batata doce, cana de açúcar, e para nossa criação trouxemos galinhas, pato, porco, plantas e flores. São as coisas que temos de Porto Lindo até agora.

Faz bastante tempo que chegamos para morar aqui na Faixa e estamos felizes. Tenho netos que cresceram aqui e agora trabalham junto com os tios na colheita de mandioca. Quando ficamos doentes, os médicos encaminham para outra cidade, como Dourados ou a cidade de Cascavel no estado do Paraná; a minha filha sempre leva o seu bebê no posto de saúde no médico, mas tem que comprar os medicamentos e são caros e, quando é grave a doença, já encaminham para outra cidade. Eu não fico doente, só a minha filha que leva mais o bebê no médico.

Bom, a vinda para ver como é viver na Faixa, aqui é uma mistura de etnias indígenas diferentes, tem uma outra aldeia indígena dentro do Paraguai, meus filhos vão lá e eles vêm também sempre de carona ou moto, é tudo perto.

no tocante à saúde pública, quer pela falta de instalação de saneamento básico, bem como por não ter benefícios do governo. Ela considera difícil o atendimento na Fundação Nacional do Índio (FUNAI) pelo fato dela ser moradora da fronteira.

Quando da chegada ao município, os filhos de Dona Peña eram crianças e agora estão todos grandes, sobrevivendo com a mãe na Faixa, e nela, os moradores são de vários lugares - indígenas, brasileiros e paraguaios - os filhos, trilham pelo Brasil e dentro do Paraguai - também trilham na fronteira (Brasil/Paraguai) – trilham porque tudo é perto – e trilham pelas reservas indígenas vizinhas desse ambiente fronteiriço - pessoas vão e voltam – pessoas se conhecem no vai e vem das fronteiras.

Eis, dessa maneira, a multiplicidade de lugares, identitários e simbólicos às vivências que exercem.

POR DENTRO DA “OUTRA” SETE QUEDAS: PARA ALÉM DOS OLHOS E DA IMAGINAÇÃO

Caminhar pelos espaços fronteiriços e dialogar com os moradores locais foi de suma importância para colher as informações *vis-à-vis* e saber um outro ponto de vista acerca da vivência dos moradores que não os disponíveis em veículos de comunicação oficiais, todavia, extremamente pertinentes para se entender, interpretar e analisar os dados e a realidade vivida, experienciada, sofrida, daqueles que são os atores da vida real.



Figura 3: Caminhos entre o “aqui e o acolá”

Fonte: Trabalho de Campo, 2018 (por Jones Dari Goettert)

As habitações da primeira área de fronteira visitada, uma área localizada em Linha Internacional que corresponde ao limite divisório entre o Brasil e o Paraguai, apresentam a quase totalidade de casas de madeira e em muitos casos, com madeiras já utilizadas e restos de construção, placas de publicidade e, por essa característica, são extremamente precárias.

Também não há esgotamento sanitário – pela questão da “irregularidade” dos imóveis – e a água potável é distribuída às casas em mangueiras, denotando quanto o momentâneo, o temporário acaba se naturalizando como o único, o “suficiente”. Quando observamos os dados disponíveis no IBGE (2010), comprovamos que apenas míseros

1,3% dos imóveis têm esgotamento sanitário, o que é corroborado pelo Atlas Esgoto com dados de 2013, que apontam apenas 2,23% de esgoto coletado mas, sem tratamento¹².

Lixo e mato (Figura 4) ao redor das residências misturado com grande número de cachorros, gatos e galinhas ditam o ritmo, representando o afeto aos animais domésticos por um lado, e por outro, a criação de aves para alimentação da família.

Figura 4: Objetos brasileiros ou paraguaios?



Fonte: Trabalho de Campo, 2018 (por Jones Dari Goettert)

¹² Atlas Esgoto. **Despoluição de Bacias Hidrográficas** (2013). Disponível em: <<http://www.snirh.gov.br/portal/snirh/snirh-1/atlas-esgotos>>. Acesso em: 10/02/2020.



O trabalho acaba por se concentrar em atividades informais, os denominados “bicos”, seja nas lavouras da região, seja no comércio e algumas poucas distribuidoras locais. Fato que também pode ser corroborado quando se percebe que mais de 40% dos domicílios com população em atividade informal apresenta renda mínima de meio salário mínimo (IBGE, 2010), o que evidencia tal situação precária.

A história de vida dos habitantes se mistura com a da criação do município, pautada nas relações de acesso à terra em termos da Reforma Agrária e que, até os dias atuais, muitos moradores relataram que participaram desse processo e/ou eram crianças quando mudaram para o município vindos de diversas localidades como Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e até muitos estados da Região Nordeste.

Tal mistura de culturas complexificou ainda mais o que já era território indígena em área de fronteira com o Paraguai, explicando essa sinergia que ocorre até os dias atuais, tendo-se no município de Sete Quedas uma variedade ampla de etnias, costumes, ritos; há, conforme os relatos obtidos, um convívio pacífico e dentro da normalidade para uma área que é um corredor usado por criminosos e traficantes.

A solidariedade entre os vizinhos “excluídos”, o sentimento de pertença ao local são pontos destacados pelos moradores como, por exemplo, em situações de remoção de família de área irregular para casas populares regularizadas que, pouco tempo depois, retornaram às casas pelo fato da não adaptação ao local. Eis, assim, um não-lugar utilizado como moradia por indígenas, pois destituído de identidade e reconhecimento, lapso esse, extremamente importante e que explica a não adaptação ao local.

Esse fato chama a atenção pelo viés que o discurso oficial preconizado por parte de algumas autoridades e, portanto, elitizado, pressupõe acerca dos motivos aos quais ocorre essa situação: “são pessoas interesseiras, que querem se aproveitar da obtenção do imóvel para revendê-lo e gerar renda” (Relato oriundo do Trabalho de Campo/2018). Todavia, em mais de uma ocasião, o que se observou foi que as residências oferecidas têm um “quintal” muito pequeno, aproximando demais as famílias e as deixando sem área para cultivar seus alimentos, animais e terem a sua privacidade.

É o sentimento de pertença, de posse, de sossego que as faz querer viver em áreas impróprias do ponto de vista da higiene, da legalidade, da exclusão. Pois ali, eles são “felizes” e livres. Essa verdade – oriunda de uma população menos abastada, talvez por isso não seja considerada/ouvida – não foi sequer mencionada pelas autoridades locais, pois o estigma, a naturalização e a pecha de “desocupados”, foi relatada por uma autoridade que, conforme sua fala, “querem é Bolsa Família e cesta básica sem fazer nada”. Eis o discurso da classe dominante.

Ademais, a autoridade instituída ressaltou que o município desenvolve políticas de Assistência Social e Inclusão no mercado de trabalho mediante cursos profissionalizantes, numa tentativa de homogeneizar as esferas produtivas. A indagação que se propõe é: ainda que a maioria da população fosse atendida pelos cursos oferecidos (manicure/pedicure e outros), rapidamente estaria saturada, visto o município ter apenas pouco mais de 10 mil habitantes e não teria mercado para a atuação de todos.

Obviamente que a solução não é essa: moldar a massa de trabalhadores para prosseguirem nos estratos inferiores e subalternos da sociedade; uma verdadeira política inócua! A qualificação, conforme as Economias Solidárias¹³, de caráter inclusivo, passaria pela criação de cooperativas de artesanatos locais, diversificação da matriz econômica, agregação de valor aos produtos e mercadorias da agricultura familiar/indígena e de outras designações, para serem comercializadas nos grandes centros nacionais e até no exterior.

Mas, a quem interessa essa transformação social, econômica e política, em uma cidade cercada por grandes proprietários de terra? Certamente, é mais fácil manter o poder com a população carente cada vez mais longe; há, dessa forma, um lugar, um não-lugar e um entre-lugar...

O trabalho de campo também ocorreu em outra área internacional do município de Sete Quedas, o Conjunto Iporã, onde observou-se características distintas do anteriormente estudado. O local é urbanizado, possui casas de alvenaria construídas pelos Programas Habitacionais e entregues às famílias cadastradas, asfalto em algumas

¹³ Consulte-se Singer (2008).

ruas, água e energia elétrica legalizada e com alcance total, creche praticamente dentro do conjunto, denotando uma parcela da sociedade mais incluída social, econômica e culturalmente, mas que guarda relação com a primeira área descrita, uma vez que grande maioria dessas famílias viviam lá ou em área semelhantes a ela antes de serem contempladas com os imóveis.

Assim, os relatos da Sra. Estelita¹⁴ no conjunto habitacional Iporã foram positivos no sentido de ela adorar o local onde mora e a cidade, ressaltando que “não passa por sua cabeça” mudar desse lugar, que é “o melhor lugar do mundo”; é, portanto, para ela, o “meu lugar”. Tranquilo, com amizades que duram décadas, os principais problemas dizem respeito à saúde, pois até existem médicos (segundo relato de autoridade são 6 (seis) atuando no município) mas quando precisam de Especialistas e exames de maior complexidade, têm que se dirigir às cidades de Ponta Porã, Dourados e até Cascavel, no estado do Paraná.

Se considerarmos que a saúde é um problema nacional, Sete Quedas, então, está próximo da realidade vivida por milhões de brasileiros, sendo regra e não exceção.

A igreja católica e a relação semanal com ela foram destacadas pela Dona Estelita como um ponto fundamental, sendo o prédio da igreja aquele que melhor representa a cidade. Nesse contexto, podemos relacionar esse fato com o dado oficial de que a maioria absoluta dos cidadãos do município são católicos, o que corrobora a frase da entrevistada.

Um lugar mais abastado/atendido com serviços públicos, essa seria a breve observação do trabalho de campo quando comparamos os dois locais visitados, pois, ainda que esse último tenha melhores condições (ou condições próximas às mínimas necessárias), apresenta nitidamente deficiências estruturais no bairro e nas residências, resultado do baixo rendimento das famílias.

Por fim, no segundo dia de visitação, deslocamo-nos à terceira área (limite) de fronteira, buscando analisar quem faz o uso das atividades comerciais, sendo, dessa forma, uma área legalizada e localizada no território paraguaio. A visitação (observação)

¹⁴ Entrevista realizada com a Sra. Estelita. Em 13/07/2018.

e a entrevista evidenciaram uma situação complexa e contraditória, pelo fato de que a maioria da população que faz uso desses serviços são os brasileiros e/ou pessoas que vivem no lado brasileiro¹⁵.

Dessa maneira, os relatos incidem em que se usa o lado paraguaio para adquirir produtos e mercadorias que são mais baratas que o lado brasileiro, inclusive bens alimentícios básicos como arroz, mandioca e leite.

Por outro viés, o lado brasileiro é o mais procurado quando o assunto é o atendimento de saúde e escolarização, seja por não ter disponível no distrito vizinho, seja por que no Brasil, o atendimento do Sistema Único de Saúde - SUS é gratuito, bastando apenas que se tenha documentação brasileira, o que é comum para moradores em área de fronteira que, por vezes, estão residindo no território nacional brasileiro, por outras estão em solo paraguaio, mas também possuem documentação brasileira.

Pode-se inferir, então, que há um fluxo contínuo, em que os interesses e as possibilidades se cruzam e estabelecem uma rotina, transformando o lugar em uma “passarela” de lugares, os mais complementares possíveis.

O que ocorre então é um “descompasso financeiro” (citado por uma autoridade que disse ser pouca a arrecadação municipal e que a maioria dos recursos vem de repasses financeiros, fato comprovado mediante dados oficiais dispostos no IBGE - 2010) entre a entrada e a saída de capital. Todavia, essa contradição é um impasse típico de regiões fronteiriças que mantêm as “portas abertas” ao lado vizinho, possibilitando a entrada e a saída com fiscalizações mínimas e flexíveis, o que tem seu lado positivo e também negativo.

A própria população faz as suas fronteiras e, nesse sentido, cria as suas normas e/ou faz meios de burlar os impasses oficiais, rígidos e que não desburocratizam o convívio.

Os lugares são *locus* da vida cotidiana e penetrados conforme o jogo de interesses. As fronteiras são móveis e flexíveis, usadas por quem quiser usá-las. Há, nesse

¹⁵ Distrito de Corpus Christi, região do Departamento de Canindeyu, Paraguai. Disponível em: <https://ondeesta.biz/index.php?qcountry_code=PY&qregion_code=19&qcity=Corpus%20Christi>. Acesso em: 18/jul/2018.

território oficial e clandestino, misturas afins, denotando aspectos de identidade mas, também de exclusão. Eis, a fronteira e suas particularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resta indiscutível que as fronteiras são locais complexos, mas, extremamente ricos para se (re)conhecer. A cultura, as mediações, as misturas, o vai e vem legal ou não legalizado, dentre outras formas de convivência, apresentam esse caráter fronteiriço que se intensifica no Brasil à medida que temos uma fronteira extensa, que abrange inúmeros países. Mesmo na divisa do estado de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, cada local, cada *entre-lugar*, é uma nova galáxia territorial em formação.

Há, portanto, o heterogêneo (mulher indígena e mulher cristã) como predominância, harmoniosa ou não, legal ou irregular, pacífica ou não; todavia, também existe o homogêneo (brasiguaios), que, com o trabalho de campo, foi possível constatar mediante as precárias condições de habitação, saúde, segurança e trabalho. Ambos são, nesse sentido, separados por suas individualidades (coletivas, grosso modo) e “robotizados”, padronizados pelos processos de segregação, exclusão e discriminação e/ou negação das benesses mínimas à dignidade da pessoa humana.

Morar na fronteira incide em caminhar nesses meandros políticos, culturais, silenciosos, sofridos que são essas áreas que não são daqui, tampouco são de lá. Vive-se, então, a estigmatização e a naturalização como práticas (das classes) dominantes, tornando essas tradições difíceis de serem rompidas para melhorar a vida dos mais necessitados.

Usa-se o artifício da impossibilidade de intervenção, quando muito, a intervenção mínima, precária e insuficiente – e em ocasiões de latente midialização e/ou interrupção da “normalidade” – para deixar os daqui e os de lá em lugar algum! Renegam assim, nomes, documentos, possibilidades (...) renegam, uma vida, ou melhor: a vida. Adotar políticas públicas inclusivas não é fácil, mais ainda quando não se quer incluir...

Talvez a luta seja por uma nova espacialidade da fronteira e das relações de fronteiras. O início da trilha pode ser pensado em termos de políticas públicas e ações de

governo que viabilizem e dignifiquem esse pessoal fronteiriço. A busca por essa condição social, política, econômica e cultural é crucial para que seja a fronteira um caminho de esperança e humanidades, de espaços dobráveis, inclusivos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos**, nº 31, p. 137-166, jan./jun. Porto Alegre, 2009.

ALBUQUERQUE, José L. C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: EdUNESP, 1998. pp. 187-227.

BRASIL. **Decreto nº 85.064, de 26 de agosto de 1980**. Regulamenta a Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979, que dispõe sobre a Faixa de Fronteira. D.O.U. 27/08/1980.

CATAIA, M. “Quem tem medo das fronteiras no período da globalização” In: **Revista Terra Livre**. n. 40. Ano 29, v.1 São Paulo: AGB, jun./jul. 2013, p. 65-80.

CLIFFORD, James. Culturas Viajantes. In: ARANTES A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. pp. 50-79.

FOUCHER, Michel. Introdução: a arte dos limites. In: _____. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009. pp. 9-27.

GOETTERT, Jones D. “Desimaginando” O mundo pelas margens do “desmundo”: Pensando o espaço em “dobras” da literatura e do cinema. São Paulo. **Revista Terra Livre**, nº 34, vol. 1, jan./jun. 2010, p. 79-108.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e convenção**. Rio de Janeiro: Beltrant Brasil, 2014.

HANCIAU, Núbia J. **Entre-Lugar**. In: FIGUEIREDO, Euridice (Org.) **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora. UFJF, 2005, p. 125-142.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo de 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/sete-quedas/panorama>>. Acesso em: 18/jul/2018.

INGOLD, Tim. Um mundo narrado. In: _____. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 211-257.

KOSIK, K. **A dialética do concreto**. 3.ed.Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MARQUEZ, Renata Moreira. **Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: PPGG – Instituto de Geociências – UFMG, 2009.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MASSEY, Dorren. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2008.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SINGER, Paul. Economia Solidária. **Estudos avançados**. 22 (62), São Paulo: Jan./Abri. 2008. pp. 288-314.

SANT'ANA, Diego André; OLIVEIRA, Marcelo Silva de; DORSA, Arlinda Cantero. A cultura do tereré sul-mato-grossense e o desenvolvimento local. In: Research Centre for Spatial and Organizational Dynamics University of Algarve. **Proceedings of the International Congress on Interdisciplinarity in Social and Human Sciences**. University of Algarve, Faro, Portugal. Editing, Page Layout and Cover. 2016. p. 58-65.

SOUZA, Jonas Ariel Cantallupi de. **“No soy de aquí, ni de allí. Yo soy!”: identidade territorial na fronteira entre Pedro Juan Caballero - Paraguai e Ponta Porã – Brasil**. Dissertação de Mestrado. Dourados – MS. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, 2018.

Discografia:

Comida. Titãs. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hOyt4cwjVns>>. Acesso em: 14/jul/2018.

Recebido para publicação em outubro de 2019.
Aceito para publicação em fevereiro de 2020.